

## Editorial

---

A criação de mais uma revista jurídica irremediavelmente chega a um impasse: priorizar um determinado tema para que a divulgação seja mais fácil ou optar pela liberdade de publicação em uma revista declaradamente plural? A dificuldade, portanto, reside entre a uniformização da escrita na aposta em algum resultado, seja ele sólido ou fragmentado, ou no inevitável transe do excesso de particularização. Talvez fosse certo que optássemos, por isso, pela segunda opção, mas não enfrentar o perigo de que talvez seja impossível alguma aproximação de textos talvez justificasse a desistência de nosso projeto uma vez que deixá-los dispersos seria muito mais interessante do que uni-los somente por fachada. O que triunfa, afinal, entre a tematização e a livre junção de textos?

Em primeiro lugar, a opção em propor um debate principal não daria alguma pretensa segurança porque já não se pode achar que, tal qual um mago condescendente, um editor tenha a capacidade de influenciar verdadeiramente o conteúdo dos escritos. Assim, ainda que versassem sobre um tema comum, os textos, sem dúvida alguma, fugiriam à dada determinação, nem que por subterfúgios. Nenhum editor, enfim, pode dirigir a forma pela qual um determinado texto venha a marcar o leitor, não importando quão sólido seja o tema proposto.

Por outro lado, a pluralidade por si só não deixa de ser o primeiro passo para uma particularização ou uma privatização de textos. Isto, contudo, não significa que particular seja a mesma coisa que solipsismo já que, mesmo um monólogo alienígena pode ter a força de subverter uma determinada lógica pré-determinada e abrir espaço à imaginação. Não: quando se fala em textos particulares, a verdadeira ameaça consiste na falta de força que possam vir a ter quando não mantêm alguma forma de contato e, sobretudo, a faculdade de tocar.

Dentro desta aporia insanável, no entanto, há algo que se intromete onde não deveria estar: um p. Um p que levanta o ódio de alguns e consola a nostalgia de outros, ou mesmo nutre as expectativas dos demais. Mas o importante é que essa inconveniência seja compreendida como infinidade. Sem dúvida, já não se trata de uma busca conjunta de um consenso entre os textos. Também não quer dizer que na idealidade, no confronto, ou na dúvida, essa busca se opere de forma oculta, mais ou menos como se todos discordássemos

concordando. O buraco é muito profundo para possibilitar isto. O que podemos esperar é uma busca que inopera em uma fôrma oca. Em vez de a revista ser tomada como um ovo que abriga uma substância ou mesmo uma essência conjunta para um movimento a surgir, é hora de aceitar que a revista é oca. Nem por isso o mundo deixa de existir, mas o trabalho de pensamento, que por muito tempo se procurou no interior do ovo, se dá na casca. E quando nos deparamos com o fato de que dentro do ovo só há um vácuo, já não há a garantia de que a criatura nasça antes de seus descendentes, ou mesmo de que no já mencionado impasse haja um sujeito dentro do mundo ou fora do mundo. Apenas há um ser empacado que não se pode dizer se vai ou vem em uma casca que tanto serviria de útero como de toca. Portanto, insistir na infinidade gerada pela inconveniência do p é apostar em um mero artifício que quase encobre um vazio, mas que sem dúvida abre um espaço virtual de publicação. Aquilo que não se resolve nesta empreitada acometida pelo impasse tematização-liberdade é justamente o que dá contato entre os textos aqui apresentados. Esperamos que aquele que recebeu diversas marcas dos textos seja o mais apto a decidir o binômio insanável, mas que possibilita esta revista. Tais marcas, tal como em uma explosão na rapidez de um som /p/, são um sintoma de que algo vem por aí. Neste primeiro número da revista Captura Crítica, o leitor está convidado a se debruçar sobre nosso impasse munido apenas de alguns pedaços de uma casca rachada: sem dúvida frágil demais para suprimir-se somente à crítica (antes do p) e certamente incapaz de fugir à captura (depois p). Mas aqueles que, terminado o processo de leitura, compartilharem de nossa angústia pelas letras, estão convidados a entrarem em contato para a próxima edição; assim, poderão participar da constituição desse novo vazio, desse novo rasgar de ventres que ela já é.

*Os editores.*